

> Rodolfo Morais de Andrade
 >> Auris Flor Maciel da Silva
 >>> Quéfren Arsênio Rodrigues
 >>>> Walisson Angélico de Araújo

Metodologias de Pesquisa no Cariri: Entrevista com Leonardo Guelman*

I Resumo: A presente entrevista realizada com o Professor Leonardo Guelman, docente, escritor e pesquisador da arte e da cultura brasileira, abre um ciclo de ações realizado pelo grupo de Pesquisa FiloMove em 2020, na Universidade Federal do Cariri. Procuramos pistas que nos auxiliem no desenho de estratégias para abordar o campo da cultura popular e da tradição na Região do Cariri, no sul do Ceará. Segundo Guelman, tradição é linguagem, e ninguém é dono dela; destacando-se o conversar como uma ação, a ação de dar voltas com o(s) outro(s) em um espaço-tempo não cristalizado, com múltiplos atravessamentos que não são lineares. Neste texto, a partir das respostas do pesquisador, compreende-se o território como espaço de partilha, de disputa, de afirmação, de expansão das subjetividades e das expressões. Enfatizando as relações horizontais e de afeto, o filósofo narra seus percursos e suas metodologias transdisciplinares desenvolvidas no Cariri cearense.

I Palavras - chave: Filosofia. Metodologia. Território. Cariri cearense.

> Graduado em Letras, Português/Inglês pela Universidade Anhanguera de São Paulo e graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Pesquisador do Grupo FiloMove [https://linktr.ee/filomove], Projeto *Filosofias do Corpo no Cariri Cearense*, contemplado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI) da UFCA e bolsas CNPQ e Funcap.
 E-mail: rodolfoandrade0@hotmail.com
ORCID 0000-0002-3935-0556

>> Graduanda em Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Pesquisadora do Grupo FiloMove [https://linktr.ee/filomove], Projeto *Filosofias do Corpo no Cariri Cearense*, contemplado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI) da UFCA e bolsas CNPQ e Funcap.
 E-mail: aurislaniasilva4@gmail.com
ORCID 0000-0001-5733-5950

>>> Graduando em Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Pesquisador do Grupo FiloMove [https://linktr.ee/filomove], Projeto *Filosofias do Corpo no Cariri Cearense*, contemplado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI) da UFCA e bolsas CNPQ e Funcap.
 E-mail: arseniorodrigues3@gmail.com
ORCID 0000-0002-8839-8679

>>>> Mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) com intercâmbio na Universidade do Algarve. Pesquisador do Grupo FiloMove [https://linktr.ee/filomove], Projeto *Filosofias do Corpo no Cariri Cearense*, contemplado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da UFCA e bolsas CNPQ e Funcap.
 E-mail: walissonangelico@gmail.com
ORCID 0000-0002-8803-0292

* Trabalho desenvolvido no contexto do Projeto de Pesquisa *Filosofias do corpo no Cariri cearense*, coordenado pela Profa. Dra. Natacha Muriel López Gallucci, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Funcap, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal do Cariri (PRPI-UFCA) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Rodolfo Morais de Andrade
Auris Flor Maciel da Silva
Quéfren Arsênio Rodrigues
Walisson Angélico de Araújo

Methodologies of Research in Cariri (southern Ceará region): Interview with Leonardo Guelman

Abstract: This interview conducted with Professor Leonardo Guelman, professor, writer and researcher of Brazilian art and culture, opens a cycle of actions carried out by the FiloMove Research group in 2020, at the Federal University of Cariri. We are looking for clues to help us design strategies to approach the field of popular culture and tradition in the Cariri Region, in southern Ceará. According to Guelman, tradition is language, and no one owns it; standing out the conversation as an action, the action of going around with the other(s) in a non-crystallized space-time, with multiple and non-linear crossings. In this text, based on the researcher's answers, the territory is understood as a space for sharing, dispute, affirmation, expansion of subjectivities and expressions. Emphasizing the horizontal and affective relationships, the philosopher narrates his trajectories and his transdisciplinary methodologies developed in Cariri, Ceará.

Keywords: Philosophy. Methodology. Territory. Cariri cearense.

Introdução

A presente entrevista foi realizada em 24 de agosto de 2020, via videoconferência pelo *Zoom*, mediada pelos bolsistas do Grupo de Pesquisa FiloMove. O encontro faz parte das atividades de mapeamento desenvolvidas na pesquisa *Filosofias do corpo no Cariri cearense*, contemplada pelo Edital da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) 2020, em Juazeiro do Norte, Ceará e com bolsas CNPQ e Funcap. O projeto teve como objetivo geral mapear, analisar e compreender os aspectos metodológicos, filosóficos e estéticos ativados nas pesquisas sobre performances artísticas corpóreo vocais do Cariri cearense. Abrindo as atividades desta investigação, a entrevista com o Professor Dr. Leonardo Caravana Guelman foi a primeira de sete entrevistas do grupo com investigadores de diferentes áreas. A equipe buscou, nestes diálogos, experiências e dispositivos teórico-metodológicos úteis aplicados em investigações transdisciplinares na contemporaneidade do sul cearense do estado do Ceará.

Nesta entrevista, realizada pelos bolsistas, indagaram-se as metodologias apresentadas por Leonardo Caravana Guelman, professor do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, Brasil. Em um relato reflexivo, o professor partilha percursos realizados em Juazeiro do Norte e outras cidades do Cariri

cearense, jogando luz sobre a transdisciplinaridade entre arquitetura e filosofia, hermenêutica e estudos culturais, entre outros temas.

A trajetória de Leonardo Caravana Guelman é ampla; ele é escritor, pesquisador da arte e da cultura brasileira, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (1986); mestrado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011). Atualmente leciona no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da UFF, realizando pesquisas voltadas para o campo das narrativas sociais e da sustentabilidade das manifestações tradicionais; com especial interesse pelas territorialidades do interior do Brasil, expressando os atravessamentos entre o rural e o urbano. Atualmente, coordena o projeto *Prospecção e Capacitação em Territórios Criativos*. Em seu vasto currículo também contam a coordenação do Projeto *Rio com Gentileza*, que promoveu duas ações de restauração (em 2000 e em 2010) da obra mural do Profeta Gentileza no Rio de Janeiro, e a curadoria do Teatro Raul Cortez entre 2007 e 2008.

Entre suas publicações estão os livros *Brasil, Tempo de Gentileza* (Niterói: EDUFF, 2000); *Universo Gentileza* (Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2008); *Livro Urbano do Profeta Gentileza* (Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2011), - escrito em parceria com Luiz Eduardo Amaral e Marianna Kutassy -; e *Territórios Criativos: Cariri, Quilombo Machadinha, Madureira e Paraty* (Niterói: Mundo das Ideias, 2017) – resultado de um projeto da Universidade Federal

Fluminense (UFF) e da Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura (MinC).

Pensando em outros territórios e culturas possíveis, esta entrevista expressa que a cultura não é um processo aprisionado no tempo, e sim um exercício, uma *práxis* em processo constante de encontros, partilhas, tradições e disputas, como acontece no Cariri, região localizada ao Sul do Ceará, Brasil.

Entrevista com Leonardo Guelman (metodologias de pesquisa no Cariri)

Entrevistadores: Boa tarde, professor Guelman. É uma grande alegria tê-lo conosco participando da pesquisa sobre metodologias de pesquisa no Cariri. Gostaríamos de iniciar este momento perguntando em que sentido sua trajetória se cruza com as artes, as linguagens e/ou produções do Cariri? Você se considera um pesquisador da cultura urbana ou rural dentro do âmbito político e cultural?

Leonardo Guelman: Então, eu acho que o Cariri entra na minha trajetória a partir de um profundo interesse por essas territorialidades do interior do Brasil, principalmente pelo tema do sertão. Embora o Cariri de alguma forma seja um oásis, considerado uma área mais amena, apesar de estar também sujeito às secas, é um território que está ali insulado, no meio do sertão, a 500 km de todas as capitais do Nordeste. O Cariri tem uma importância

1 Sacerdote católico brasileiro Padre Cícero Romão Batista, que na devoção do popular é considerado santo responsável por reunir milhares de pessoas em Juazeiro do Norte para as tradicionais Romarias – experiências religiosas de peregrinação e fé. Acesse o link aqui: https://museu-vivo-do-padre-cicero.ueniweb.com/?utm_campaign=gmb#header. Acesso em: 03 jun. 2021.

muito grande, cultural, ecológica, ambiental, devocional, claro, pela figura absolutamente única e central do Padre Cícero¹. Todo o trabalho inaugural que foi desenvolvido expressou um *ethos*; um modo de vida que também hoje vai se desdobrando, se debatendo com as questões da capital – Juazeiro do Norte -, que hoje é uma metrópole.

Você tem a cidade sagrada, a cidade antiga em torno ali dos monumentos, dos templos. Passando pelo Salesiano e pelo Triângulo, bairros de Juazeiro do Norte, a gente observa que há um desejo muito grande de metrópole. Eu acho que essa relação entre rural e urbano está presente, mas nosso interesse como pesquisadores é perceber, inclusive, os seus atravessamentos. No caso de Juazeiro do Norte, você tem esses dois elementos às vezes convivendo na calçada; essa fronteira entre a terra e o cimento, o rural e o urbano. E eu acredito que o que conjuga isso tudo é essa matriz da religiosidade e da cultura popular.

Então meu interesse, a princípio, dá-se mais por espaços fora dos grandes centros, mas também me interessa muito essa conjugação entre as culturas tradicionais e as dinâmicas urbanas; ver como se relacionam. Juazeiro do Norte realmente é um encontro, e isso tem que se dar num processo de aproximação. Acho que em qualquer realidade que a gente vá a trabalhar, temos que construir metodologias aproximativas, processos compreensivos. A compreensão é muito importante, porque ela se volta para essas experiências no sentido do mundo da vida: qual é a vivência que está ali? Qual é a imersão que nós podemos fazer naquele espaço, naquela família? E eu sugiro que essa relação é

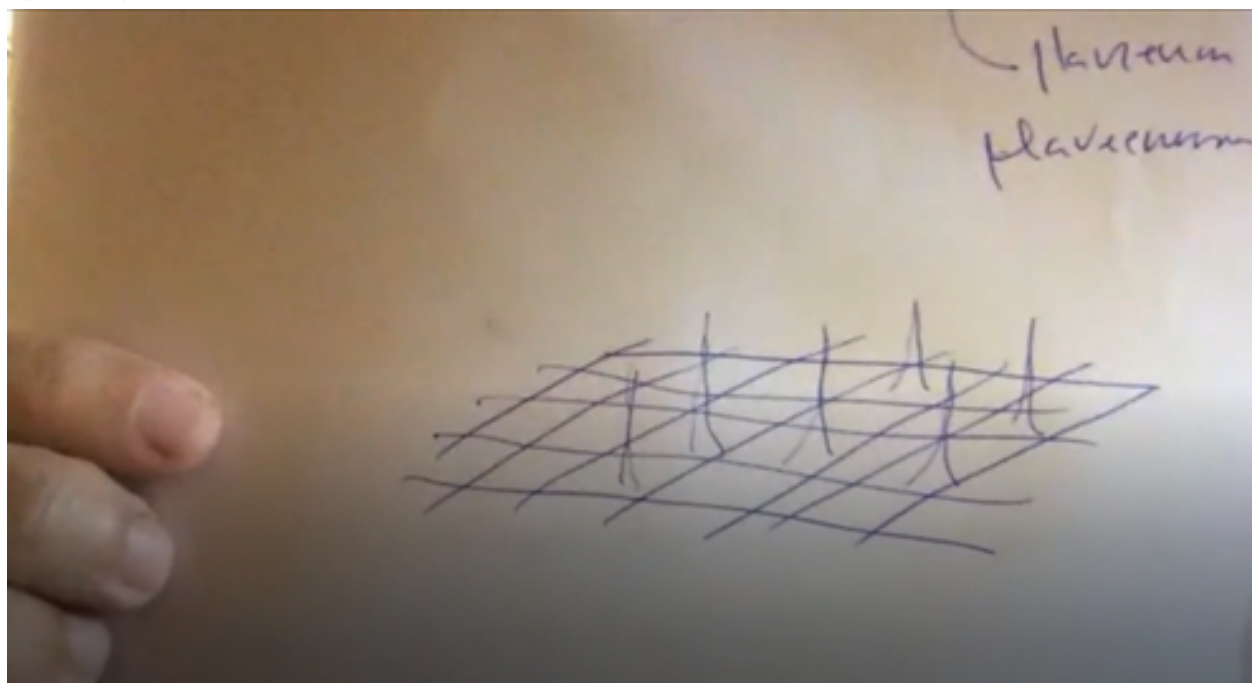
2 Segundo a Lei 13.351 do Governo do Ceará, decretada em 22 de agosto de 2003, institui-se o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (RMCTP-CE). No Art. 1º, o parágrafo único apresenta a seguinte definição: “Será considerado, para os fins desta Lei, como Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará e, para tanto Tesouro Vivo, apto, na forma prevista nesta Lei, a ser inscrito junto ao Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará, a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará”. Acesse o link aqui: <https://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramitando/lei/13351.htm>. Acesso em: 03 jun. 2021.

3 O termo brincante remete aos artistas populares dedicados aos folguedos. Os brincantes desenvolvem encenações a partir de músicas, danças, performance e dramatização; participando de reisados, apresentações de bandas cabaçais (que utilizam instrumentos feitos de cabaças), maracatus, entre outras manifestações populares e de tradição.

muito afetiva, ela é um processo de construção de amizades, inclusive, de cumplicidades, para que a coisa se dê de uma forma ampliada na relação com os Mestres da Cultura², com os brincantes³; se encaminhando para compreender o que aquela tradição está dizendo.

Entrevistadores: Em que se fundamentou sua escolha por esse campo de estudo e de

Figura 1: Arqueo-escrita. Desenho de Leonardo Guelman



Fonte: entrevista com Leonardo Guelman. Diário de Campo. Grupo de Pesquisa FiloMove. Projeto *Filosofias do Corpo no Cariri Cearense*.

pesquisa?

Leonardo Guelman: No caso do *Projeto dos Territórios Criativos*, surgiu em uma aproximação com o Ministério da Cultura, com a Secretaria da Economia Criativa na época – isso já tem uns cinco ou seis anos. O Plano Nacional de Cultura previa o fortalecimento de territórios criativos; só que essa noção de territórios criativos é um intuito um pouco flutuante. Normalmente, ela prioriza os empreendimentos de maior porte, que eles chamam de *clusters*⁴, os birôs; de alguma forma, a economia já consolidada ou em expansão. E nós, nesse projeto, entendemos que era preciso trabalhar com atores granulares, inclusive atores mais precários; aproximar a economia criativa de territórios mais frágeis, mais precarizados, comunidades quilombolas, comunidades indígenas, Mestres(as) e brincantes que estão, de alguma forma, quase à deriva, sem um apoio maior, sem um olhar mais atento dos governos ou do Estado. Então a pesquisa se deu nesse âmbito, de pensar uma economia de estreita relação com as matrizes do patrimônio.

Entendo que no chão, no solo do território, estão depositadas essas matrizes, como se fosse uma primeira arqueologia, sabe? Se a gente escavasse do chão, o que iríamos achar ali? As matrizes que estão ali. Pensar uma economia que se possa articular com eles, mas sempre partindo da cultura, sempre partindo dessas matrizes, e não o contrário, que é submeter essa expressão a uma economia externa, um princípio de economia, como se

4 Cluster é um termo que veio do inglês e que, em português, significa “aglomerar” ou “aglomeração”, sendo utilizado em vários contextos. Na computação, o termo faz referência a estruturação de sistema que une dois ou mais computadores como se fossem apenas um, sendo uma forma de aumentar a eficiência dos processadores, e os clusters continuam passando por renovações para melhorar o desempenho, como um único sistema integrado atuando conjuntamente para processar dados e executar tarefas.

você tivesse que ativar aqueles lugares a partir de uma economia externa. A economia tem que ser intrínseca. Em vez de uma economia de mercado, uma cultura com mercado, mas é sempre a cultura. É uma economia de alguma forma vinculada à cultura, e não o contrário.

Entrevistadores: Que metodologias você utilizou para desenvolver suas pesquisas no Cariri cearense, considerando o alto teor de religiosidade e misticismo na região?

Leonardo Guelman: Acredito que em primeiro lugar tem que haver empatia forte pelo tema ao qual o pesquisador está se aproximando. E essa perspectiva provinda da fenomenologia⁵, que pensa o mundo da vida, a vivência, o afeto, a compreensão... Todos esses são elementos que você não encontra chegando com uma planilha para ser preenchida com dados objetivos. Quantos postes tem nessa rua? Quantas árvores têm nessa rua? Quantos trechos da calçada estão sem cobertura? Quantas fachadas têm isso? A pessoa que fizer esse tipo de trabalho sairá com um diagnóstico, mas ela, provavelmente, não terá compreendido o que é aquela rua. Uma pessoa que mora naquela rua já sabe onde o bueiro está quebrado, onde ela tem que desviar, onde o cachorro é bravo e ela já atravessa para o outro lado da rua. Isso é um nível de compreensão, e nós, como pesquisadores, como pessoas que nos deixamos afetar, temos que nos impregnar disso, produzirmos uma imersão. E essa imersão acontece em um processo aproximativo mesmo. É a diferença da

5 A Fenomenologia surge na filosofia contemporânea de Edmund Husserl (1859-1938) como método descritivo, reflexivo e crítico; embora o termo tenha uma longa trajetória de usos na história da filosofia. Em Husserl, há um profundo interesse pela descrição da experiência vivida. “Nas suas *Investigações lógicas* (1900-1901) Husserl começou a indicar que o interesse pela fenomenologia remete não só a isso que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. É verdade que para Husserl o fenômeno neste sentido não é uma manifestação natural ou espontânea da coisa: exige outras condições, que são impostas pela investigação filosófica como fenomenologia (v.)” (ABBANGNANO, 2007, p. 437).

6 A renovação do Sagrado Coração de Jesus, ou festa de renovação, é uma continuidade da consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus. No mês de dezembro começa a temporada de renovações, mas, geralmente, é realizada na data do nascimento do primeiro filho ou no aniversário de casamento. Depois do ato religioso da família, são servidas comidas e bebidas (sem álcool) aos convidados. Para finalizar, no decorrer da renovação podem ocorrer apresentações artísticas.

compreensão para o conhecimento.

A compreensão supõe que você esteja compreendido naquilo que você quer compreender. Por exemplo, uma criança que com três anos de idade já está em uma roda de candomblé, essa religiosidade entra para ela num nível absolutamente compreensível, porque ela está compreendida naquele fato. Uma criança que participa de uma renovação⁶ na sua casa, na casa da sua família, tudo aquilo para ela entra como uma linguagem absolutamente corrente e estruturante da vida dela. Os processos compreensivos são assim: vivências extremamente intensas e que vão produzindo a compreensão de nós mesmos.

Quanto mais a gente puder estabelecer processos compreensivos com as realidades que pesquisamos, se dando no campo dos afetos, vai se construindo a acolhida das pessoas, e por outro lado, você também vai acolhendo as pessoas. E, para além de um interesse em alguma coisa, o que vai se dando ali é um laço de relações, e acredito que essa é a base da pesquisa. Inclusive potencializar muito a conversa. Aqui é uma entrevista, mas também é uma conversa, porque a entrevista é algo muito duro, mas conversar é dar voltas com o outro. E ao dar voltas com o outro, as coisas vão se costurando internamente também e se produzem determinados vínculos. Isso é o que estrutura a relação, é tudo construído no afeto. Falta muita coisa, então o que as comunidades e grupos têm é muita ressonância entre eles, esse vínculo muito ativo, que é o que possibilita que cada um contribua com

7 Segundo Lawrence K. Schmidt (2012), a hermenêutica é a arte de compreender o que outra pessoa quer dizer com suas expressões da linguagem, entendendo o lado gramatical e o lado psicológico da linguagem e da comunicação. A palavra “hermenêutica” pode ser traduzida como “interpretação”. Portanto, o objetivo da hermenêutica é entender o que de fato foi dito pelo autor da fala, percebendo suas intenções e o contexto da fala e do autor.

8 Folia de Reis, Festa de Santos Reis ou Reisado são manifestações populares, cantos, entremezes e danças; produto do sincretismo entre rituais afrodescendentes e festividades católicas introduzidas pelos portugueses no Brasil colonial. No último dia do ciclo que acontece entre o Natal e o Dia de Reis, são coroados no Cariri o rei e a rainha. Em geral, as festas são realizadas nas ruas e terreiros da região, como procissões em que cada bairro apresenta seus grupos de tradição (BARROSO, 2013).

o outro. Eu entendo mais ou menos isso; se eu tivesse que puxar uma linha de pesquisa, a fenomenologia acredito que ajudaria. Essa fenomenologia tem que ser aplicada a cada um, para que você ache a medida dessa fenomenologia nessa relação. Entendo que é um processo de compreensão a partir da hermenêutica⁷: compreender, interpretar e aplicar. A tradição é um contínuo processo de compreensão, interpretação e aplicação para entender que essa tradição está em movimento também, e isso é um ponto fundamental do qual eu quero falar, que é pensar que a tradição está viva e é continuamente recriada.

A tradição não é um resíduo que está ali, uma sobra do passado, a tradição está viva na linguagem, no dia a dia, na gestualidade, nos folguedos. Tudo isso é tradição de linguagem. As danças, os cantos, para além de repertório. Não é um repertório cristalizado, ele é um repertório gestual que é continuamente reatualizado. Então uma criança não brincará como seu avô; um brincante não brinca como seu pai, pois ele reatualiza para o seu corpo e para a sua realidade como que ele vai fazer aquilo. Por exemplo, um brincante de reisado⁸ também está escutando *funk*, também está escutando outras músicas, vendo televisão, na internet. Então são vários domínios, regimes semióticos que o atravessam. Para que aquela tradição faça sentido para não se tornar uma “coisa de velho”, aquilo tem que entrar como uma realidade dele. Por isso que a tradição se aplica diferentemente a cada contexto, a cada geração, porque para que ele a compreenda e a interprete, ela tem que chegar de uma outra forma, e é isso que dá vida à tradição. A tradição é aquilo que é

transmitido e vai sendo traduzido de uma maneira diferente, que faça sentido para ele, para aquele jovem, para aquele praticante.

Entrevistadores: Que contribuições e achados considera relevantes dentro de suas investigações no Cariri?

Leonardo Guelman: A tradição é linguagem, então ninguém é dono da tradição. Esse é o primeiro elemento: ninguém pode se considerar dono da tradição, porque ela não tem dono. E o Mestre, como diz Guimarães Rosa⁹, é quem, de repente, aprende; está sempre aprendendo e nós também. Aquele que se acha dono da tradição, talvez não seja o verdadeiro Mestre. Esse é um terreno de partilha de saberes; o(a) Mestre(a) não é só aquele(a) que conhece os percalços da tradição, os repertórios. É alguém que tem uma liderança em outros níveis, uma liderança ética, política, de alguma maneira na sua comunidade. A gente precisa perceber isso, essas relações ampliadas que estão ali nessa troca de saberes, nessa contínua passagem da sabedoria pela oralidade, pela gestualidade. Não é um conhecimento escrito, não é um conhecimento dos livros, é uma outra forma de saber que a gente vai encontrar, e esses saberes precisam ser valorizados, precisam ser visibilizados.

9 João Guimarães Rosa (1908 – 1967) foi um escritor, diplomata, novelista, romancista, contista e médico brasileiro. Dentre suas obras publicadas contam *Sagarana* (1946) e *Grande Sertão: Veredas* (1956). Sobre Guimarães Rosa, disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>. Acesso em: 13 jul. 2021.

10 O sociólogo, investigador, escritor e poeta português é atualmente Professor Catedrático jubilado da Faculdade de Economia de Coimbra (UC). O investigador tem escrito e publicado nas áreas de sociologia do direito, sociologia política, estudos pós-coloniais, e sobre temas relacionados aos movimentos sociais, como globalização, democracia e direitos humanos. O pesquisador tem trabalhos de campo realizados em Portugal, Brasil, Colômbia, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Bolívia e Equador. Disponível em: <https://ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/boaventura-de-sousa-santos>. Acesso em: 10 jul. 2021.

11 O Candomblé é uma religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos, na qual há crença em um ser supremo e culto dirigido a forças da natureza personificadas como ancestrais divinizados.

12 Conhecido como um redemoinho que se forma em rios, o rebojo é causado pela densidade da água e por uma formação geomorfológica – tipo de relevo existente no local. A correnteza desce para o fundo, encontra resistência e, desse momento de atrito, se forma um movimento circular que pode arrastar o que encontra próximo para o fundo do rio. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/rebojo-conheca-o-fenomeno-natural-que-assusta-os-navegantes-da-amazonia>. Acesso em: 14 jul. 2021.

13 O termo “matuto” é atribuído àqueles indivíduos que vivem no campo, sendo por muitas vezes usado de forma pejorativa para se referir a pessoas “sem conhecimentos” e “seres sem instrução”; relativo a hábitos e maneiras próprios da vida no campo. Também pode referir-se a pessoas tímidas e retraídas.

Como diz o sociólogo Boaventura de Sousa Santos¹⁰, “a modernidade produz ausências”, ela vai invisibilizando essas práticas, ela vai deslegitimando, descredenciando essas práticas como se fossem práticas menores, como se fossem nichos de ignorância, nichos de credices. Isso em todos os âmbitos: nas medicinas tradicionais; nas diversas formas de religiosidade; nos saberes, por exemplo, do Candomblé¹¹, que são extremamente complexos e extremamente ricos. Todas essas matrizes de compreensão do mundo são descredenciadas por uma racionalidade de matriz eurocêntrica que de alguma forma subordina esse descolamento do homem *[sic]* da própria natureza. Então, esses processos aproximativos implicam, também, em uma abertura para esses diversos saberes. Como o Boaventura de Sousa Santos afirma: uma ecologia dos saberes, que precisa reconhecer essa diversidade de saberes e o quanto eles podem nos ajudar.

Um indivíduo urbano pode não reconhecer uma roda d’água¹² no rio, enquanto um “matuto”¹³ sabe que se entrar ali, ele morre. Então existem diversos saberes que são dominados por culturas diferentes, e no lugar de hierarquizar esses saberes, a gente precisa reconhecer o quanto cada um deles pode nos ajudar, o quanto se complementam numa perspectiva ampliada de integração de saberes. Acredito que é chegar nessas comunidades, perceber a força que há nelas e a força que há nesses saberes que estão em cada um, nesses Mestres e Mestras.

Entrevistadores: Em que sentido você acha que o Governo do Estado e o Governo Federal têm contribuído ou retardado o processo de mapeamento e a valorização à cultura regional?

Leonardo Guelman: Eu acho que a realidade do Ceará é muito diferente da realidade do Brasil. Em âmbito federal, desde que houve a destituição da presidenta Dilma, o Michel Temer desde o início tentou acabar com o Ministério da Cultura, porque a área da cultura é a resistência, que reagiu a ele com o “Fora Temer”. Nesta conjuntura não há interesse na educação, a tendência é privatizá-la; tampouco há interesse em cultura, só se aceita a cultura domesticada. Não há política em âmbito federal no Brasil. Nesse momento e estão demonstrando isso com a Cinemateca¹⁴ brasileira, ou seja, atacando a memória, porque é um princípio das forças reativas. Para entender a conjuntura atual, a gente precisa entender o que Nietzsche¹⁵ chamava de “forças reativas”: as forças ativas são as forças de emancipação, de transformação; as forças reativas são sempre forças de contenção e binárias. O reativo é sempre binário, ele cria dois lados para que um prevaleça sobre o outro. Então a realidade brasileira hoje, não só no âmbito da cultura, mas também em vários âmbitos, é muito reativa.

14 A Cinemateca Brasileira é um dos maiores acervos de cinema da América Latina e casa da produção audiovisual do país. Desde 2013, a Cinemateca enfrenta crise financeira que vem se agravando nos últimos anos. Disponível em: <http://cinemateca.org.br/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

15 Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900) foi filósofo e filólogo alemão; poeta e crítico cultural. Dedicou sua obra à filosofia, à ciência, à moral e à religião. Dentre suas obras publicadas, constam *A genealogia da moral* (1887) e *Assim falou Zaratustra* (1883). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

16 Territórios Criativos é um projeto de parceria da Universidade Federal Fluminense com o Ministério da Cultura para mapeamento de agentes dos territórios, capacitações e encontros para a consolidação de redes com a presença de grupos e movimentos locais. Foram desenvolvidas atividades em quatro territórios: Cariri, no Ceará; a comunidade indígena do Itaxim e os moradores do Quilombo do Campinho, em Paraty, Rio de Janeiro; no Quilombo da Machadilha, em Quissamã, Rio de Janeiro; e no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.lares.ie.ufrj.br/index.php/pt/projetos/territorios-criativos>. Acesso em: 14 jul. 2021.

17 Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak, é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena Crenaque. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01412>. Acesso em: 14 jul. 2021.

18 Romarias são atividades religiosas de peregrinação, manifestações populares ligadas, em geral, à relação entre os devotos e o santo de sua devoção. Os romeiros geralmente são pessoas que viajam de forma individual ou em grupos a lugares sagrados, como é o caso das romarias em Juazeiro do Norte em torno da fé no sacerdote católico brasileiro Padre Cícero Romão Batista. Sobre romarias: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2253>. Acesso em: 14 jul. 2021.

19 O Ciclo de Reis é uma das comemorações mais características do Cariri cearense. Acontece entre o Natal e o Dia de Reis, 6 de janeiro. Em geral, as festas são realizadas na rua, como procissões, onde reisados, pastoris e lapinhas ganham expressividade no período das festividades em comemoração ao nascimento de Jesus.

O projeto que realizamos – os Territórios Criativos¹⁶ – não teria acontecido dentro do atual contexto, porque não interessa o fortalecimento das Comunidades, seu empoderamento e dos sujeitos. Interessa um modelo econômico hierarquizado com forte marca e presença do capital e um desrespeito total pela natureza. Destruição da natureza, destruição das florestas e fortalecendo aquela ideia de uma humanidade totalmente descolada da natureza, como vai dizer Ailton Krenak¹⁷.

Ceará e Pernambuco, por exemplo, são estados que de alguma forma conseguiram manter em nível da regionalidade, pelo menos em âmbito do estado, linhas de atuação, de valorização dessas expressões e dessas culturas. Talvez até pelo modelo de visão de cultura e visão política dos governos desses estados. E no município de Juazeiro do Norte, acredito que esteja um cenário melhor – porque também sempre oscila essa questão da força da cultura; a Secretaria de Cultura está vinculada às Romarias¹⁸ e Ciclo de Reis¹⁹, e é preciso mesmo uma atenção efetiva para essa matriz das tradições. Hoje em dia, o Nordeste é um espaço de resistência muito mais claro do que o Sudeste.

Entrevistadores: Desde o início das suas atividades, você tem percebido mudanças importantes nas relações entre cultura rural e urbana, cultura tradicional e popular, ou outras mudanças?

Leonardo Guelman: Talvez se a gente retomar essa importância do *habitat*, a relação entre urbano e rural não precisa ser tão contraditória; ela pode se dar como relações entre o campo e a cidade. Acredito que faz parte de uma ecologia perceber que diferentes modos de vida estão aí para que não faça unicamente só sentido viver na cidade; isso incha as cidades, as favelas, as periferias, lugares absolutamente sem condições, sem oferecer o mínimo, sem escolas, sem postos de saúde, às vezes sem os elementos necessários e basais para a vida social.

Esse êxodo rural também está dentro desse desequilíbrio. Essa questão de poder habitar novamente a área rural é muito interessante para estabelecer equilíbrios entre essas duas modalidades e as cidades não fiquem inchadas e o campo esvaziado. Em épocas de seca, em todo o Sertão, o campo é abandonado e as pessoas migram todas para as cidades, e depois é uma loucura viver nessas cidades. Precisa haver projetos ecológicos, de recuperação das áreas rurais, de recuperação do cultivo; isso envolve muitas contradições do Brasil, mas acredito que é justamente para superar essa contradição onde não deveria haver contradição.

Já as culturas populares e as culturas tradicionais, também têm um elemento em comum porque elas são culturas da imanência²⁰, são culturas horizontais. Tanto as culturas tradicionais como as populares em algum momento coincidem, porque se baseiam em relações horizontais de um com o outro, nos seus coletivos, nas suas formas de encenação

20 A imanência refere-se à articulação em meio ao mundo material, no qual, pelos sentidos do corpo, refere-se a algo que tem em si o seu início e o seu fim. Na imanência, Deus, o superior, não se separa da matéria. O pensador holandês Baruch Spinoza pensa sobre a ideia de um deus imanente como uma substância presente em tudo, diferente do que se pensaria com o conceito da transcendência, ou seja, não há princípio ou causa externa ao mundo, visto que para Spinoza, a produção da vida está contida na própria vida.

– seja o *funk*, seja o reisado. Elas são essencialmente horizontais, elas são culturas da relação dos seus coletivos. Isso é muito interessante: a força dessa horizontalidade da cultura. Você vai, por exemplo, em Belém do Pará, o carimbó, a cultura dos mercados; há esse elemento da imanência, da relação intrínseca, da relação entre sujeitos, entre pessoas, as redes, tudo isso são configurações muito interessantes que precisamos conseguir ativar e produzir sinergia com essas produções.

O período de reis também, em Juazeiro do Norte, tem uma questão muito forte da imanência; inclusive os conflitos que acontecem aí, da tradição com o cão²¹ e os reisados. Isso tem que ser compreendido. Mais do que contido, tem que ser compreendido qual é a tensão que está colocada aí. Essa é a tensão da cultura popular, ela é sempre insurgente. A cultura popular não deve ser domesticada, por isso é preciso entender, quando as insurgências acontecem dentro dela, qual a maneira de atuar. O que essa insurgência está dizendo? O que essas contradições estão dizendo? Mais do que reprimir, é preciso entender o que está colocado ali. Mas é a potência transgressiva da cultura popular que tem que ser valorizada, e não entender a cultura popular como uma cultura domesticada, pois isso que é de interesse das elites.

Culturas populares são horizontais e têm um componente de insurgência que é o movimento delas, que é a fibra dessas culturas e está aí nessa potência, nessa força, nessa teatralização do real; não é uma brincadeira de folclore. Aquilo faz sentido naquele território,

21 O cão é um dos personagens (brincantes) dos festejos do Ciclo de Reis. Estes brincantes saem às ruas mascarados e com chicotes longos para fazer “quilombo”, que podemos definir como corridas que vão abrindo passo e chamando a atenção antes dos Grupos de Reisado.

22 Antropólogo brasileiro e professor titular de Antropologia do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado (LESCE) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

23 Antropólogo brasileiro, arquiteto, urbanista e professor universitário da Universidade Federal Fluminense (UFF).

24 O livro “Quando a Rua Vira Casa”, originalmente publicado em 1980, é uma produção interdisciplinar sobre a apropriação dos espaços urbanos. A obra é uma produção dos autores antropólogos Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello, com contribuições do ilustrador Orlando Mollica e dos antropólogos Felipe Berocan, Soraya Silveira Simões e Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

25 Jane Butzner Jacobs (1916 – 2006), do Canadá, nascida nos Estados Unidos, foi escritora e ativista política. Sua obra mais conhecida é *Morte e Vida das Grandes Cidades* (1961), sendo esta produção uma dura crítica às práticas de renovação do espaço urbano nos Estados Unidos, nos anos de 1950. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1261&idBiografia=39>. Acesso em: 03 jun. 2021.

26 Bairro de Juazeiro do Norte considerado como um dos bairros mais caros para se viver na cidade, assim como um local que vem se desenvolvendo com a construção imobiliária de prédios residenciais e condomínios.

e tudo na vida daquelas pessoas é permeado por aquelas forças. E essa relação entre a casa e a rua em Juazeiro do Norte é incrível, nos bairros, ali no João Cabral, no Pio XI, todo o centro. Tem um livro muito interessante de um antropólogo chamado Arno Vogel²², junto com a colaboração do Carlos Nelson Ferreira dos Santos²³, que se chama “Quando a rua vira casa”²⁴, que foi uma pesquisa no bairro Catumbi, no Rio de Janeiro. Mas é muito interessante isso também, dialogando com uma socióloga americana chamada Jane Jacobs²⁵, que é essa importância do espaço da rua como casa, esse atravessar entre a rua e a casa. Juazeiro é muito isso, as casas têm aquela testada pequenininha de três metros e meio, quatro metros, e os terrenos muito compridos; fora aquilo que o Padre Cícero dizia: em cada casa um oratório, na entrada a sala de santo, depois o dormitório e no quintal a oficina de trabalho. Além disso, a rua como espaço de celebração, como o local onde você vai colocar a cadeira no final da tarde, onde as pessoas vão conversar e vão produzir juntos esse sentido de território.

Então eu volto a dizer: é uma cultura muito horizontal, diferente dessa coisa de querer habitar prédios de vinte andares e querer trazer para esses lugares outros modos de vida. Isso acontece nas franjas do território, como por exemplo na Lagoa Seca²⁶ e em outros bairros. Algumas pessoas têm a oportunidade de pisar o chão, mas não, elas preferem morar no vigésimo andar, em uma lâmina de vidro, para dizer que ele é moderno, que ele é contemporâneo, que ele tem dinheiro, que ele se pauta por outros valores. Então, vamos

potencializar o horizontal, as relações horizontais, os territórios e a saúde que está nisso.

Entrevistadores: Quais são/foram as principais resistências com que você se deparou durante sua pesquisa na cultura cariense? Caso possa situar algumas resistências, você considera que elas estejam vinculadas a grupos de grande vulnerabilidade social ou a outros fatores como racismo, homofobia, LGBTQIA+fobia, religiosidade etc?

Leonardo Guelman: Entendo que nessa horizontalidade da cultura popular, esses nichos dos preconceitos vão necessariamente sendo derrubados pela própria imanência das relações. Então, numa família com seis, sete pessoas, não interessa como cada um vai se desenvolvendo, como cada um vai se encontrando. Isso é uma luta que se dá no âmbito das famílias, no âmbito das comunidades, mas eu entendo que essa relação horizontal na medida em que ela vai ganhando fibra, uma casa vai se rebatendo na outra. A rua. Então as questões de gênero, por exemplo, vão sendo completamente transformadas, e isso é um lado interessante. Penso que cada casa também é um território de disputa, de afirmação e de expansão da subjetividade, das expressões, e por mais que a gente esteja numa conjuntura vertical, tem uma horizontalidade muito interessante se dando no âmbito das expressões ali. E isso faz com que uma geração anterior passe a olhar para outra geração com uma capacidade de percepção, de escuta diferenciada. Não é otimismo não, mas

27 LGBTQIA+ é a sigla utilizada para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuais. O sinal + procura alcançar a reverberação das dissidências sexuais e de gênero nos contextos específicos.

eu acredito que isso esteja conseguindo avançar muito no âmbito. Você citou a questão LGBTQIA+²⁷; acho que todos esses âmbitos têm uma força de emergência segundo o trânsito da sexualidade.

Apesar de todo o contexto de repressão política, acho que a sociedade está se transformando, isso não tem como refrear. Mas nós, no âmbito das comunidades, não encontramos muitas resistências. As resistências que nós encontramos foram nas instituições, que a princípio podem se entender como os lugares privilegiados de conhecimento e de compreensão desse território, mas às vezes não exercem essa função. Por exemplo, nós somos um projeto de uma universidade do Rio de Janeiro, mas a gente sempre chegou no território com a maior generosidade, sem pretensão de querer dizer o que é e o que não é, e sim fortalecer as relações, empoderar os sujeitos. Então, nesse sentido, eu acho que o projeto foi muito bem na relação com as comunidades, com os atores sociais, naquilo que ele pôde fazer. Agora, algumas instituições, a gente sentiu que elas se incomodaram um pouco. Eu posso citar um exemplo de uma forma muito construtiva. A gente sentiu, por exemplo, quando a gente estudou a Lira Nordestina²⁸, o trabalho dos cordelistas e dos xilógrafos, que as universidades da região não davam a atenção merecida. Não dialogavam com os mestres xilógrafos na época.

Então, muitos estudantes das artes, da performance, da cultura estão olhando para Nova York, querendo ser modernos, mas não estão percebendo que do lado tem um

28 A editora Lira Nordestina é a antiga Tipografia São Francisco, localizada em Juazeiro do Norte, Ceará. É um espaço reconhecido pela produção de cordel e xilogravura. A Lira Nordestina, criada por José Bernardo da Silva nos anos de 1950, destacou-se como a editora de cordel mais importante do Brasil. Em 1982, a editora foi vendida ao estado do Ceará, e em 1988 passa a ser patrimônio da Universidade Regional do Cariri (URCA). Para conhecer melhor a Lira Nordestina, clique no link: <http://www.urca.br/liranordestina/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

29 José Stênio Silva Diniz (1953), neto de José Bernardo da Silva, o criador da Tipografia São Francisco. Stênio é artista xilógrafo, sendo considerado como um dos principais artistas em xilogravura do Brasil. Participou de bienais e exposições no país e no exterior. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/josestenio>. Acesso em: 10 jul. 2021.

30 Vincent Willem Van Gogh (1853 – 1890); pintor holandês influente na história da arte ocidental. As suas obras incluem paisagens, naturezas-mortas, retratos e autorretratos, com cores dramáticas e vibrantes. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Vincent-van-Gogh/482772>. Acesso em: 10 jul. 2021.

31 Maurits Cornelis Escher (1898 – 1972) foi artista gráfico holandês, tendo como uma das principais contribuições a capacidade de gerar imagens com efeitos de ilusão de ótica. Em sua produção encontram-se xilogravuras, litografias e meios-tons. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/seminario/escher/vida.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

32 A titulação Notório Saber para os Mestres Tradicionais é uma articulação entre a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT) que foi lançada em agosto de 2016 visando atribuir a possibilidade, com o título, de que os Mestres e Mestras tradicionais, reconhecidos como Tesouros Vivos do Estado do Ceará pela SECULT, possam ser incluídos no campo acadêmico como professores e pesquisadores. De acordo com o Art. 66 da Lei nº 9.394/96, o “notório saber”, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12874-notorio-saber>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Stênio Diniz²⁹, que é um mestre extraordinário e de uma contemporaneidade incrível. Você vai na casa do Stênio Diniz, você vê lá livro de Van Gogh³⁰, de Escher³¹, ele tem todo um repertório... É aquela coisa, você quer ser inglês, você quer ser francês, sempre olhando a vanguarda que não está aqui. Então é por isso que eu digo que essas conexões com as matrizes da cultura popular são muito importantes. O Stênio Diniz, por exemplo, inclusive pela UFC, Mestre; ele tem a titulação de Notório Saber³² que possibilita a ele ministrar aulas na universidade.

Entrevistadores: Há obras dele aqui no Museu da Universidade de Fortaleza.

Leonardo Guelman: Sim, e eu estou chamando atenção para isso. O tanto que as instituições precisam voltar para essa horizontalidade, para as forças do território e dialogar com isso, e não querer trazer ou impor modelos externos. Estou falando do imaginário nosso, de pesquisadores também, de professores. Trata-se dessa visão eurocêntrica e “norteamericancêntrica”, de querermos reproduzir coisas que não estão em diálogo com as nossas potencialidades. A gente precisa trabalhar no sentido da reversão dessas ausências que a gente produziu, dos saberes populares, dos saberes indígenas, dos saberes quilombolas, dos saberes que atravessam todas essas matrizes e que estão vivos na cultura popular – e que são negados, como conhecimentos menores, como práticas

estéticas menores. Não são, não são!

Não são práticas estéticas menores, são práticas estéticas extraordinárias, desde os oratórios, das casas populares; de uma estatização extraordinária às brincadeiras dos reisados, toda essa tradição de vestimenta, tudo isso é de uma potência incrível, isso está muito claro. Só que às vezes isso é negado no próprio território como se isso fosse algo trivial e menor. Não é, pois essas manifestações são as que distinguem o território. A potência popular é o que distingue o território, e não esse desejo de querer ser outro, de querer ser São Paulo, de querer ser Nova York e não olhar para o que está ao lado, para essa potência ser fortalecida. Essa é a reflexão que eu faço. Assim, enquanto pesquisadores, tivemos algumas resistências em âmbitos institucionais como esse que eu acabei de citar.

Entrevistadores: Retomando a questão dos saberes e dos povos tradicionais, considerando a sua experiência nesse campo, em que sentido as narrativas dos povos tradicionais do Cariri cearense contribuem com a preservação da memória da região?

Leonardo Guelman: Essas narrativas são a própria memória, elas são a base dessa memória. Essas identidades vão sendo narradas, então elas tanto são a base dessa memória, como apontam o porvir, com a manutenção desse espaço de coabitação da memória que também está em movimento. Ela não está cristalizada, ela está sempre sendo traduzida.

A tradição é tradução, mas essa tradução é sempre pactuada no coletivo, então tudo está em movimento, mas esse movimento é autorizado pelas relações, por essa imanência do social, por essas relações que também são transgressivas e precisam se modificar e romper com determinados preconceitos. As culturas tradicionais também estão alicerçadas em valores algumas vezes muito sedimentados, então tudo isso que a gente falou sobre as questões de gênero vai impondo uma outra plasticidade para a tradição, e eu acho que a gente tem que cuidar desses processos. Uma amiga uma vez falou uma coisa que eu nunca esqueci: “Um filósofo é guardião dos fluxos da cidade”. Ele não tem que ser dono da porteira, ele não tem que impedir o fluxo, ele tem que facilitar os fluxos. Então nós, como atuantes da área de cultura, de patrimônio, temos que fazer com que esses fluxos possam se produzir. A gente tem que possibilitar que esses movimentos aconteçam. Não estamos para conter os fluxos.

33 A imanência pode ser definida como a concretude de um conceito. Segundo Nicola Abbagnano (1998) imanentes são “os princípios cuja aplicação se tem em tudo e por tudo dentro dos limites da experiência possível”, contrapondo-se, portanto, aos princípios “transcendentes”, que ultrapassam esses limites” (p. 540).

34 O filósofo Baruch Espinoza (1632 – 1677) nasceu em Amsterdã e foi um dos grandes pensadores modernos do século XVII. Disponível em: <https://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Entrevistadores: Potente conceito. Não criar resistências, criar possibilidades.

Leonardo Guelman: Com certeza, fortalecer essa imanência³³. Esse conceito de imanência é um conceito muito interessante. É um conceito da filosofia de Espinoza³⁴, de que tudo é imanência, Deus é a natureza. Então tudo é Deus, igual a natureza. Deus não está fora da natureza, então nós somos modos de Deus, nós somos potências; tudo isso

se inter-relaciona. A ética também tem que ser encontrada nessas relações da imanência. Então é nesse corpo social, político e cultural que se modela o sentido da vida. Daí essa horizontalidade da cultura. Ela é muito interessante, e claro que ela está conectada a um elemento devocional no Cariri, até de certa forma à questão da transcendência, do divino, mas ela está ali, habitando aqueles corpos e as suas vidas.

Entrevistadores: Considera importante que os sujeitos e as comunidades que auxiliam participando “junto” na pesquisa (LÓPEZ GALLUCCI, 2019), nos campos acadêmicos recebam algum tipo de retorno, como convites, produtos acadêmicos, conclusões de pesquisas, ajudas econômicas, eventos comemorativos, projetos de lei etc.?

Leonardo Guelman: Essa questão do retorno é o básico. Você vai numa comunidade, você extraiu coisas. Não pode ser um garimpo, que você vai lá, extrai e depois... O ideal é que, no mínimo, a gente retorne e mais do que isso, que possamos manter um campo de relação com aquele território e se solidarizar com as forças e lutas daquele local. Então essa relação é contínua; o ideal é que nós, enquanto pesquisadores, possamos estabelecer esses vínculos com o território e permanecer nesses vínculos, porque a matriz da realidade está ali, nas questões da religiosidade, nas questões de gênero, nas questões da educação, nas questões da saúde.

Entrevistadores: Pensando nas cidades do Cariri e suas margens onde se encontram grupos muito vulneráveis: que potencialidades têm as imagens e sons ali produzidos? Como podemos introduzir na pesquisa as produções artísticas de sujeitos que têm sido confinados para fora do laço social? Essas bordas da cidade não estão sendo novamente esquecidas?

Leonardo Guelman: Bom, de certa maneira sim, porque as periferias são a borda. Agora, é nessa borda onde muitas vezes dá-se a transformação, daí a importância de inverter recursos e de potencializar o fortalecimento dessas comunidades, dignificar a vida desses lugares: para não os condicionar a uma centralidade. É perceber que cada território tem que se fortalecer. A dimensão cultural tem que estar lá, os centros culturais comunitários, e reforçar essas expressões das comunidades para que essas sonoridades, essas gestualidades, esses sentidos possam ser trabalhados. A questão das teatralidades também. É potencializar essa dinâmica expressiva dos lugares, porque é muito importante isso para que eles não sejam franjas, bolsões ou lugares isolados. São grandes desafios da política urbana. Acredito que quanto maior a cidade, maior o desafio. Acredito que Juazeiro do Norte, pelas características da cidade, está numa escala onde seria possível. Agora, é preciso, claro, que haja interesse político para isso.

Precisamos falar menos em nome do “eu” e falar mais por “nós”, pelo encontro

35 A alteridade é o reconhecimento da diferença; propondo um respeito ao outro, reconhecendo a existência de uma polifonia de culturas dentro de uma sociedade. Para a filosofia, a alteridade vem “do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998, p. 34-35).

com a alteridade³⁵. Uma ética da alteridade. A filosofia nos ensina que posso pensar o outro não como um adversário, pois este me habita. A alteridade nos habita. Então, nesse sentido, as questões de gênero, as questões da racialidade, todas elas de alguma forma, ganham outro sentido, na medida em que o outro me habita. Na cultura popular, outros modos de ser nos habitam. E viver é transmitir, é se deslocar entre esses modos de ser e não os demonizar.

Entrevistadores: Como compreende a figura e os ativismos dos Mestres da Cultura na região do Cariri?

Leonardo Guelman: Tudo é uma reinvenção contínua. Eu acho que os Mestres e as Mestras fazem sentido nas suas comunidades. E de fato precisamos pluralizar essas lideranças, vamos dizer assim. Elas podem se dar em outros âmbitos, que não para esses repertórios que já estão estabelecidos. Eu acho isso um processo de recriação e que outras lideranças também são ativas e importantes. Talvez a gente precise reconhecer um cenário mais amplo. Acho que é isso que você está dizendo. A política cultural precisa se abrir para isso. Para outras lideranças, para outros repertórios que não aqueles que já estão estabelecidos, para a gente entender que uma coisa é a tradição e outra coisa é o

tradicionalismo. O tradicionalismo a gente tem que evitar, a gente tem que se distanciar dele. A tradição é interessante como movimento, como dinâmica, mas ela precisa também estar a serviço da vida, da emancipação, e não restringir o campo de ação das pessoas. Não há território sem disputa. Então, acho que as novas gerações têm que deslocar essa tradição, não é? E os pontos dela, onde essa tradição limita, tudo tem que ser colocado em questão, nas questões que a gente já falou aqui. Acho que o campo do gênero é um campo de recreação, de reinvenção o tempo todo. De emancipação. Outros repertórios precisam ser compreendidos como espaços simbólicos, de repertórios simbólicos importantes ali.

Quem é que define o que é repertório simbólico de uma comunidade e o que não é repertório simbólico de uma comunidade? Que outros repertórios estão sendo de certa maneira marginalizados por um conservadorismo em cultura? E aí que acho que temos que ter olhos e ouvidos para percebermos, mapearmos e mostrarmos, “olha, não, isso aí vocês continuam deixando isto de fora porque não tem olhar para compreender a importância dessa produção”, e aí temos que olhar para as margens, sim, olhar para as bordas; perceber esses espaços que são excluídos, que são estigmatizados e mostrar o quão eles são importantes, o quão eles são vivos e que eles merecem lugar, lugar expressivo, de produção e de afirmação disso. Eu acho que aí está o nosso papel também, de interagir e brigar com eles.

Entrevistadores: Nossa última questão então seria questionar se para você, professor, existem filosofias do corpo no Cariri?

Leonardo Guelman: Essa corporeidade, nas transformações do corpo, em uma emancipação pelo corpo, isso que está sendo colocado expressa a dimensão discordante e transgressiva da arte. O corpo não pode ser contido. Então, nesse sentido, a cultura popular tem que ser percebida como um corpo híbrido, um corpo em expansão. Não como um corpo que tem que ser modelado e caber em uma forma. Porque sua materialidade é expansiva; e isso está dentro dessa capacidade que a gente tem. Acredito que os brincantes, os Mestres e as Mestras são muito receptivos a essa expansão; e a gente precisa estar à altura dessa generosidade. Considero essa a maneira em que podemos fazer pesquisa, interagindo com eles, voltando, partilhando, pois eles precisam da gente também. Lembremos que há uma forte precarização no âmbito da cultura, precarização da existência para os artistas populares, ao ponto de não ter comida, de não ter dinheiro, e ao mesmo tempo não querer abrir mão da sua arte. Eles também precisam de dinheiro, saúde, e temos que ajudá-los nesse sentido, pensarmos como potencializar essas práticas culturais e todos esses fazeres.

Sempre há muitos medos, muitas fragilidades rondando nesses territórios; é um território muito complexo e rico. Quanto mais a gente puder se aproximar de ações

transdisciplinares que envolvam a saúde, que envolvem o cuidado, melhor. Acho que aqui a dimensão do cuidado também é fundamental. E esse afeto significa acolher o outro, estar juntos; essa estratégia é muito importante tanto para a pesquisa quanto para a cultura popular. Essa é a linguagem que eles reconhecem, essa é a linguagem que, efetivamente, quanto mais a gente utilizar, mais vamos conseguir nos aproximar. Considero que esse caminho do bem-estar é um bem comum que a gente tem que procurar e apostar nisso. Isso não é uma utopia.

Entrevistadores: Para finalizar este belo encontro com o Leonardo Guelman sobre metodologias de pesquisa no Cariri, gostaríamos de agradecer enormemente a partilha, o diálogo crítico e filosófico estabelecido conosco, e esperamos que suas contribuições filosóficas no âmbito cultural se expandam para além das pesquisas no Sul do Ceará.

Referências:

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martin Fontes, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento**: bois e reisados de Caretas. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.
- GUELMAN, Leonardo C. **Curriculum Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4761661446275142>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- GUELMAN, Leonardo C. **Brasil, tempo de Gentileza**. Niterói: EDUFF, 2000.
- GUELMAN, Leonardo C.; AMARAL, Dado; KUTASSY, Marianna. **Livro Urbano do Profeta Gentileza**. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2011.
- GUELMAN, Leonardo C. **Universo Gentileza**. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2008.
- GUELMAN, Leonardo C.; AMARAL DOS SANTOS, Juliana; GRANDELLA, Pedro De Andrea (org.). **Prospecção e Capacitação em Territórios Criativos**: desenvolvimento de potenciais comunitários a partir das práticas culturais nos territórios Cariri (CE), Madureira, Quilombo Machadinha e Paraty (RJ). Niterói: Mundo das Ideias, 2017.
- LÓPEZ GALLUCCI, Natacha M. Ética do encontro a partir da pesquisa audiovisual. In: SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida de (Org). **Cultura, resistência e diferenciação social**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/9674>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- LÓPEZ GALLUCCI, Natacha M. Filosofia performance: arquivos audiovisuais das culturas populares da América Latina. In: TERRA, Ana (Org). **Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil?** E-book disponível em: [http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e\[1\]books-da-abrace](http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e[1]books-da-abrace). Acesso em: 14 jul. 2021.
- MELLO, Marco Antônio da S.; VOGEL, Arno; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4. ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2017.
- SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. (Pensamento Moderno).